

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA FACULDADE DE FILOSOFIA DE MINAS GERAIS: considerações sobre a disciplina Didática Especial de Matemática (1941-1953)

Filipe Santos Fernandes²²²

Luís Henrique Coelho de Almeida Cosenza²²³

Paulo Henrique de Souza Araújo²²⁴

Eixo: Filosofia e História da Matemática: relações com a Educação Matemática.

Modalidade: Comunicação Científica.

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre a formação de professores de Matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1941 e 1953, tendo como foco a organização e o funcionamento do curso de Matemática, do curso de Didática e, de modo particular, da disciplina *Didática Especial de Matemática* ofertada pelo curso de Didática. Além do delineamento da trajetória inicial desses cursos, foi possível elaborar considerações sobre como a construção e a promoção de um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores na primeira metade do século XX exigiu de seu tempo a emergência de uma posição subjetiva e institucional que reivindicasse um saber sobre o “ensinar a ensinar matemática”; o que, no limite, permite entendimentos sobre as dinâmicas de constituição e consolidação da Educação Matemática no espaço científico-acadêmico brasileiro. As discussões aqui apresentadas integram o projeto *A posição científico-acadêmica da Educação Matemática: representações, instituições e políticas*, que recebe apoio do CNPq, da FAPEMIG e da Universidade Federal de Minas Gerais.

Palavras-chave: Didáticas Especiais. Didática Especial de Matemática. Educação Matemática. Formação de Professores de Matemática. História da Educação Matemática.

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo uma discussão sobre a formação de professores de Matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1941, primeiro ano de funcionamento do curso de Matemática, e 1953, ano anterior à publicação do Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais

²²² Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: fernandes.fjf@gmail.com

²²³ Aluno do curso de graduação em Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Bolsista FAPEMIG. E-mail: henriquecluis@gmail.com

²²⁴ Aluno do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: paulo.hsa2010@gmail.com

(ANUÁRIO, 1954), documento que traz importantes informações sobre os anos iniciais de funcionamento da Faculdade de Filosofia²²⁵ e que orientou o olhar para as fontes investigadas.

O texto está dividido em três seções: na primeira, discutimos brevemente a organização e o funcionamento dos cursos de Matemática e de Didática; na segunda, apresentamos algumas orientações teórico-metodológicas que subsidiaram a investigação; e, na terceira, elaboramos considerações sobre a cadeira de *Didática Especial de Matemática*, espaço institucional dedicado a questões e a discussões sobre as relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de Matemática.

A FACULDADE DE FILOSOFIA DE MINAS GERAIS E OS CURSOS DE MATEMÁTICA E DIDÁTICA

A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais surgiu do interesse de intelectuais que militavam na vida cultural e política da capital mineira e dividiam seu tempo entre as redações dos jornais e as salas de aula dos principais colégios de Belo Horizonte (MG). Tinha como um de seus pilares o denominado “saber desinteressado”, o desenvolvimento de um conhecimento científico que não estivesse estritamente ligado à formação profissional.

Segundo Haddad (2015), esses intelectuais criticavam o ensino superior ministrado pelas escolas tradicionais, nas quais as “ciências básicas” eram trabalhadas segundo os interesses e os objetivos de uma determinada formação profissional, sendo “a Matemática e a Física ensinadas segundo as necessidades práticas do engenheiro, a Química de acordo com a demanda do farmacêutico ou do médico, e assim por diante” (p. 55). Por isso, o empenho desses intelectuais era por uma formação diferente daquela que acontecia nas escolas profissionais; uma formação em que “a inquietação intelectual estimulasse a criação, cultivando-se o saber por si mesmo, sem preocupações imediatistas” (p. 55).

²²⁵ Em diferentes momentos deste texto, faremos referência à *Faculdade de Filosofia de Minas Gerais* apenas como *Faculdade de Filosofia*.

Em 5 de novembro de 1940, pelo Decreto-lei nº 6.486, a Faculdade de Filosofia recebeu autorização para organizar e fazer funcionar os cursos de Filosofia, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Neolatinas e Letras Clássicas, iniciados em 1941 e reconhecidos em 26 de março de 1946, pelo Decreto nº 20.825. Outros cursos – Física, Química, História Natural, Letras Anglo-germânicas, Pedagogia – iniciaram em 1942 (em situação precária, apesar dos esforços empenhados), mas só foram reconhecidos pelo Decreto nº 23.841, de 14 de outubro de 1947.²²⁶ O curso de Didática começou a funcionar em 1944, época em que os primeiros bacharéis se formaram.

No Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (ANUÁRIO, 1954) encontramos registros da organização da Faculdade de Filosofia, conforme mostra a Figura 1 abaixo:

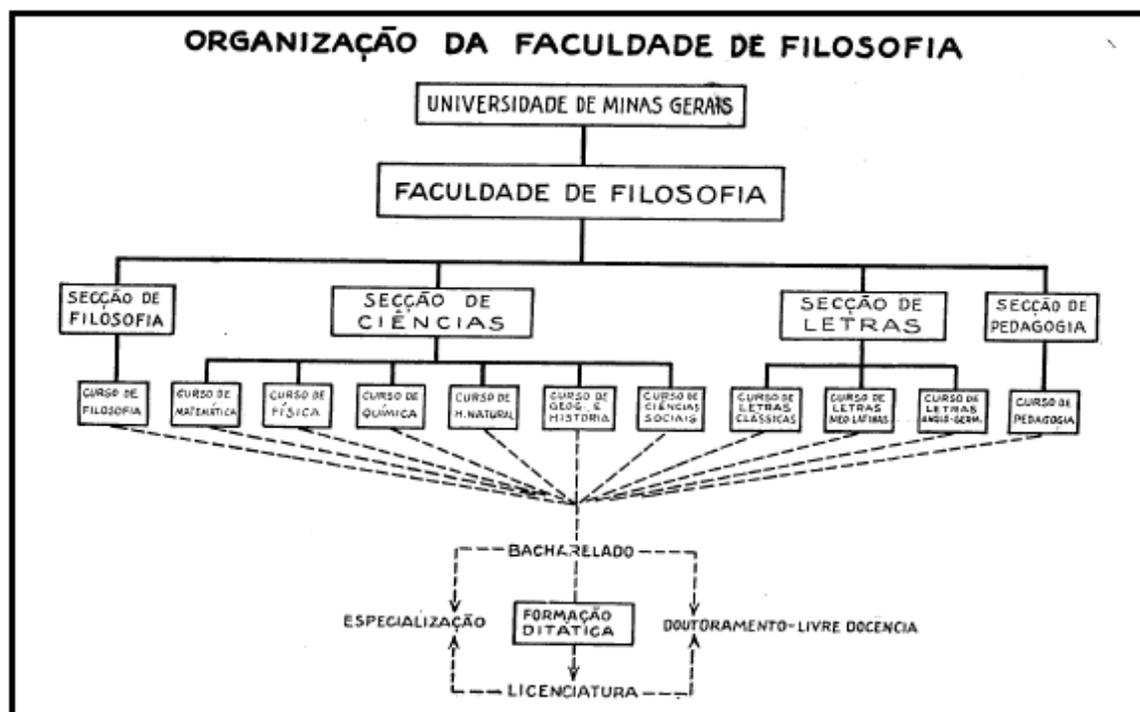


Figura 1. Organização da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (ANUÁRIO, 1954, p. 28)

Como se pode notar, as diferentes Secções (de Filosofia, de Ciências, de Letras e de Pedagogia) abrigavam os cursos de bacharelado a elas associados.

²²⁶ Neste texto, não pretendemos detalhar acontecimentos ligados à fundação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Apontamos, entretanto, que essa discussão é apresentada nos trabalhos de Haddad (2015), Faria, Souza e Fonseca (2016) e outros.

Apenas quando concluído o Bacharelado o estudante poderia ingressar, havendo interesse, no curso de Didática, obtendo com essa formação a Licenciatura.

A Secção de Ciências era a responsável pelo curso de Matemática, organizado em três anos. Analisando as disciplinas e os programas desse curso, também presentes no Anuário (1954), percebemos que o foco é o conhecimento matemático, sem explicitar discussões voltadas para o ensino ou para a educação. Sobre isso, Gomes (2016, p. 429) destaca que diversos autores que tratam da temática “observam que a função principal do curso era a preparação de matemáticos, ficando em segundo plano, subordinada à formação do cientista, a meta de formação profissional de professores”.

A Secção de Didática era, por sua vez, responsável pelo curso de Didática, organizado em um ano. Ao que parece, a formação dos professores de Matemática no curso de Didática diferenciava-se das demais áreas, como Física ou Química, apenas pela cadeira *Didática Especial de Matemática*, já que o Anuário traz programas distintos para as *Didáticas Especiais*, associando-os às áreas de formação do aluno determinadas pelo Bacharelado.

<p>1. Curso de Matemática</p> <p>1ª Série: Análise Matemática — Geometria Analítica e Projetiva — Física Geral e Experimental</p> <p>2ª Série Análise Matemática — Geometria Descritiva e Complementos de Geometria — Mecânica Racional — Física Geral e Experimental</p> <p>3.ª Série: Análise Superior — Geometria Superior — Física Matemática — Mecânica Celeste</p>
--

<p>Curso de Didática</p> <p>Didática Geral — Didática Especial — Psicologia Educacional — Administração Escolar — Fundamentos Biológicos da Educação — Fundamentos Sociológicos da Educação</p>

Figuras 2 e 3. Currículo dos cursos de Matemática e Didática, no modelo que, hoje, denominamos como “3 + 1”. (ANUÁRIO, 1954, pp. 29/32)

Para Moreira (2012), as concepções associadas ao ensino escolar podem ter funcionado como alicerces sobre os quais surgiu tal estrutura – o que identificamos, hoje, como “modelo 3 + 1”. O autor destaca que, nessa época, “Ensinar era visto, essencialmente, como transmitir o conhecimento do professor

para o aluno. E aprender era, basicamente, receber essa transmissão sem muitos *ruídos*” (p. 1138). Assim, de um modo geral, o estudante aprendia nos três primeiros anos o conteúdo matemático (curso de Matemática) e, em uma etapa posterior, aprendia a transmiti-lo (curso de Didática).

Dada essa breve apresentação, destacamos a seguir algumas orientações teórico-metodológicas que subsidiaram a investigação.

ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

“Um dia, com melhor perspectiva histórica, que hoje naturalmente nos falece, alguém fará a justiça devida aos despendidos e bravos mestres que a criaram.” (ANUÁRIO, 1954, p. 17)

O excerto acima está presente no Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, em um texto introdutório que trata dos primeiros anos de funcionamento da instituição. Ao que parece, o conflitivo movimento de implantação da Faculdade de Filosofia e as dificuldades de organização e de funcionamento enfrentadas nos primeiros anos motivaram os autores do texto a exigirem do tempo e do fazer histórico a reparação de certas injustiças do passado, reconhecendo, por exemplo, os esforços empenhados pelos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

Ainda que esta pesquisa tenha especial interesse pelos primeiros anos de funcionamento da instituição, não se busca, com ela, “fazer justiça”, como se fosse finalidade da História a reparação do passado. A perspectiva histórica com a qual dialogamos (FOUCAULT, 2002, 1979; FERNANDES; MORAIS, 2017) não tem como intenção julgar o passado; não procura, também, perguntar por uma origem ou por relações causais e teleológicas. Não se trata, ainda, de mostrar por quais meios determinadas configurações sociais, posições de sujeitos e objetos, poderes ou formas do conhecimento se manifestaram e/ou se modificaram em diferentes tempos e espaços. Diferentemente, o que se procura é chegar a esses elementos por meio de práticas que o permitiram emergir como preocupação histórica, com visibilidade e dizibilidade; buscar por um nó que articula acontecimentos e que instaura um solo no qual determinadas configurações sociais,

posições de sujeitos e objetos, poderes e formas do conhecimento podem se construir, circular e produzir efeitos. Assim,

Ao valorizar o estudo e as discussões sobre a trajetória da formação inicial de professores de Matemática no país, reconhecemos as contribuições do pensamento histórico, avesso à aceitação de informações e ideias alheadas da consideração sobre os cenários em que surgiram, do foco nas potencialidades e limites dos conhecimentos que circularam nos diferentes momentos da trajetória da formação inicial de professores de Matemática no país (GOMES, 2016, p. 425).

Foram consultadas fontes escritas – como projetos curriculares, ementas e programas de disciplinas, atas e outros – presentes no arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. Ainda que o estado de conservação e de organização dos documentos arquivo fosse muito precário e apesar dos esforços da funcionária responsável, a riqueza dos documentos e o encontro com o Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (ANUÁRIO, 1954) colocaram novas questões à pesquisa, bem como exigiram uma delimitação temporal do período investigado (1941-1953). A seguir, apresentamos algumas dessas questões.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISCIPLINA DIDÁTICA ESPECIAL DE MATEMÁTICA NA FACULDADE DE FILOSOFIA DE MINAS GERAIS (1941-1953)

Uma discussão que surge no encontro com o arquivo da FAFICH diz respeito aos modos de organização e funcionamento da cadeira *Didática Especial de Matemática*, oferecida pelo curso de Didática. A necessidade de um olhar mais cuidadoso para essa modalidade de curso – as *Didáticas Especiais* – já havia sido indicada por Melo e Araújo (2016) que, ao discutirem a formação de professores na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1939 e 1948, escrevem:

O Anuário da Faculdade de Filosofia (ANUÁRIO, 1954) [...] detalha as Didáticas Especiais em: Didática Especial (DE) de Filosofia, DE de Matemática, DE de Física, DE de Química, DE de História Natural, DE de Geografia e História e Ciências Sociais, DE de Ciências Sociais [sic], DE de Português e Literatura, DE de Línguas Neolatinas, DE de Pedagogia. **Uma boa pergunta seria:**

como as Didáticas Especiais estavam organizadas a partir de 1944, nos anos iniciais do curso? (MELO; ARAÚJO, 2016, p. 55, grifo nosso).

Como destacado pelas autoras, o programa dessas cadeiras aparece no Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, sendo o programa de *Didática Especial de Matemática* apresentado a seguir:

DIDÁTICA ESPECIAL DE MATEMÁTICA	
1	— As ciências matemáticas. Seu objeto, caracteres e processo.
2	— A definição matemática.
3	— Os axiomas e os postulados.
4	— Matemáticas modernas e geometrias não euclidianas.
5	— A Demonstração. Sua natureza, espécie e regras.
6	— História da Matemática e história do ensino da Matemática.
7	— Os objetivos do ensino da Matemática.
8	— Métodos de ensino da Matemática.
9	— Princípios psicológicos, lógicos e pedagógicos que fundamentam o ensino da Matemática.
10	— Escolha, seleção e organização da matéria.
11	— A motivação no ensino da Matemática.
12	— Os livros de texto. A verificação do aprendizado.

Figura 4. Programa da disciplina *Didática Especial de Matemática*. (ANUÁRIO, 1954, p. 219)

O encontro com esse programa colocou uma série de questões: *Como se deu a organização e o funcionamento da disciplina em seus primeiros anos? Quem foi(foram) o(s) responsável(is) por esses movimentos? Qual(is) professor(es) ministrava(m) as aulas? Como se deu a seleção desse(s) professor(es)? Quais as exigências formativas? Como eram as aulas e quem eram os alunos? Quais concepções sobre o ensino, a educação e a matemática sustentavam a disciplina e como essas concepções se relacionavam? Qual(is) a(s) concepção(ões) de formação e atuação de professores de matemática era(m) colocada(s) em movimento? Como a disciplina atuava na produção de modos de ser professor de matemática, em uma dimensão subjetiva?*

Uma leitura breve do programa permite elaborar algumas considerações. Os tópicos de 1 a 5 sugerem que a concepção de matemática que orientava a disciplina tinha relações com aquela apresentada ao estudante no bacharelado, pautada na “ciência matemática”, na “definição”, nos “axiomas”, nos “postulados”, nas “demonstrações”. Os tópicos de 7 a 12, por sua vez, parecem estar mais próximos de um trabalho que relacione o ensino, a educação e a matemática,

tratando de temas mais diretamente ligados à atuação do professor, como os “objetivos do ensino de matemática”, os “métodos de ensino”, os “princípios psicológicos, lógicos e pedagógicos que fundamentam o ensino de matemática” etc. A concepção de matemática sugerida pela proposta e a ordem de apresentação dos tópicos (os primeiros ligados à matemática e os últimos associados ao ensino e à educação) parecem reforçar a concepção de formação de professores que operava mais intensamente no período: a de que “formação matemática” deveria ser anterior à “formação pedagógica”.

Contudo, a consulta aos arquivos da FAFICH indica que, em períodos anteriores ao ano de 1954, não havia o oferecimento das *Didáticas Especiais* para cada área de formação, como sugere o detalhamento dos programas presentes no Anuário (1954). Dois documentos do acervo acentuam tal entendimento: uma grade de horários do curso de Didática, na qual as disciplinas *Didática Geral* e *Didática Especial* aparecem sendo oferecidas no mesmo dia, pela mesma professora – Filocelina da Costa Matos de Almeida, catedrática de *Didática Geral* e *Especiais* – e em horários consecutivos; e o detalhamento dos conteúdos trabalhados na disciplina *Didática Especial*, no qual se observa apenas temas relacionados com o ensino de Língua Portuguesa e Geografia.

Buscando elaborar compreensões sobre a ausência de menções à disciplina *Didática Especial de Matemática*, de modo específico, em anos anteriores a 1954, três possibilidades foram levantadas.

A primeira, decorrente de circunstâncias do desenvolvimento da pesquisa, é a de que os documentos consultados não nos permitem elaborar compreensões consistentes sobre essa ausência, já que o arquivo da FAFICH se encontra em estado conservação e de organização muito precário e o interesse pela disciplina surgiu nos últimos meses da investigação, o que não possibilitou revisitas suficientes ao arquivo com um olhar voltado para essa questão. Vale ressaltar, entretanto, que, dos documentos consultados, poucos traziam informações sobre a disciplina *Didática Especial*.

A segunda, que a cadeira de *Didática Especial* respondia às demandas de seus alunos, abordando temas relativos a suas áreas de formação. Como poucos alunos que concluíam o curso de Matemática continuavam seus estudos no curso de Didática, a demanda por discussões que relacionavam o ensino, a educação e

a matemática era pouco expressiva ou inexistente. Entretanto, essa possibilidade exigiria o cruzamento de informações entre as formações dos alunos e os temas trabalhados na disciplina Didática Especial ano a ano. Mais uma vez, a desorganização do arquivo não permitiu uma investida mais direta nessa frente.

A terceira possibilidade – que não exclui as anteriores e que será tratada de forma mais detalhada – está relacionada com a qualificação profissional dos docentes da Faculdade de Filosofia. Haddad (2015) destaca que nos primeiros anos de funcionamento da Faculdade de Filosofia havia uma evasão generalizada dos professores catedráticos causada, especialmente, por uma grave crise de segurança institucional. Sobre isso, a autora escreve:

Os professores, profissionais liberais, tinham outras ocupações prioritárias no consultório médico, na empresa de construção, na bancada de advocacia, onde recebiam maiores benefícios. Mas a questão é mais complexa e sua base está a falta de profissionalismo do magistério, particularmente na Faculdade de Filosofia, que não apresentava as condições mínimas para o seu exercício. A ausência de critérios que definissem os pré-requisitos de formação para os professores, a dispersão dos conteúdos em várias cadeiras, principalmente na área de Ciências Humanas, a improvisação, a remuneração simbólica e a deficiente base material e pedagógica da escola favoreciam uma situação em que virtudes e sentimentos como dedicação, compreensão, desprendimento, disponibilidade muitas vezes eram mais importantes que a competência (HADDAD, 2015, p. 93).

Contudo, a ocupação dos cargos de professores por profissionais liberais parecia não se dar apenas pela viabilidade de conciliar a docência com as profissões de suas formações – o que minimizaria as consequências das precárias condições de trabalho dos professores da Faculdade de Filosofia, especialmente a financeira –, mas também pela carência, no período, de profissionais qualificados para trabalhar os conteúdos previstos pelos programas das disciplinas dos cursos, que tinham como foco o desenvolvimento de um conhecimento científico desvinculado dos interesses práticos de campos profissionais consolidados até aquele momento. Ou seja: se respeitada a proposta da instituição, a atuação nesses cursos exigia dos professores uma compreensão dos aspectos formativos que, diferentes daqueles pautados na perspectiva prático-funcional com a qual estavam habituados em suas formações,

tenham como fundamento o “saber desinteressado”, pautado em uma perspectiva teórico-científica.

Se essa carência era notória nas disciplinas do curso de Matemática, mesmo as demandas de docentes dessas disciplinas supridas por engenheiros (FERREIRA, 2012), na disciplina Didática Especial de Matemática ela surgia de forma mais acentuada. Isso porque na primeira metade do século XX ainda eram pouco expressivos no Brasil os espaços dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática. Assim, parece não haver no período disponibilidade de profissionais qualificados para a docência das temáticas dessa disciplina, ficando o curso, ao que parece, ora sob a responsabilidade da professora Filocelina da Costa Matos de Almeida, catedrática de *Didática Geral e Didáticas Especiais*, ora sob a responsabilidade de professores que pareciam não ter, ao menos pelas descrições apresentadas nos documentos, uma formação específica voltada para o trabalho.

Esse quadro parece se reconfigurar quando alunos formados no curso de Matemática ingressam e concluem o curso de Didática. Segundo Garcia (1994 apud FERREIRA, 2011), os professores das *Didáticas Especiais* eram, em geral, recrutados entre os alunos de destaque que haviam concluído o curso de Didática. Esse pode ter sido o caso do professor Henrique Morandi, que foi aluno dos cursos de Matemática e de Didática da Faculdade de Filosofia e que, posteriormente, atuou como professor da disciplina *Didática Especial de Matemática*. Essa consideração, entretanto, exige um maior aprofundamento e procedimentos metodológicos mais pertinentes.

A carência de professores qualificados, especialmente para o trabalho com as *Didáticas Especiais*, não deve ser associada, contudo, a uma falta de desenvolvimento da região em que se localizava a Faculdade de Filosofia ou a um “desinteresse” dos sujeitos por essa qualificação. Belo Horizonte, no período, tinha destaque no cenário artístico, cultural e educacional do país, e personalidades mineiras ocupavam importantes cargos e representações em instituições político-governamentais. Compreende-se com esta pesquisa que a carência desses profissionais se deve principalmente, mas não exclusivamente, ao ineditismo da proposta da Faculdade de Filosofia, voltada ao “saber

desinteressado”, e à construção de um discurso – hoje, aparentemente naturalizado – que procurava afirmar a necessidade de formar “professores profissionais” para o Ensino Secundário e para o Curso Normal. Para isso, atribuiu-se à Faculdade de Filosofia a tarefa de preparar o professor para o exercício de sua profissão, exigindo, entre outros aspectos: 1) uma “formação profissional” que superasse a cultura autodidática dos professores predominante no país; 2) a criação de uma “identidade” da formação, expressa pela similaridade entre a estrutura e os modos de organização e funcionamento dos cursos; e 3) procedimentos direcionados a “normatizar” a formação, aplicando uma série de regulações que viabilizassem a manutenção desses cursos e a circulação dos novos profissionais. Assim, o ineditismo da proposta de educação superior da Faculdade de Filosofia e a construção de um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores parecem inaugurar a necessidade de profissionais qualificados para “ensinar a ensinar matemática”.

Os processos que envolvem a constituição desses profissionais – que assumem uma posição subjetiva e institucional que os autoriza a produzir, divulgar e legitimar modos de “ensinar a ensinar matemática” – ajudam a compreender, ainda que localmente, como passam a ser gestados no cenário científico-acadêmico espaços que tratam de modo sistemático os conhecimentos que surgem da necessidade de relacionar o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática. Poder-se-ia dizer, então, que a vontade de construir e promover um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores exigiu de seu tempo a emergência de subjetividades que reivindicassem um saber sobre o “ensinar a ensinar matemática”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o curso de Matemática da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais nasceu em um cenário que, por um lado, deveria atender à proposta da Faculdade de Filosofia de inspirar o cultivo do “saber desinteressado”, ocupando-se com a formação de profissionais responsáveis por impulsionar o desenvolvimento de campos científicos, e que, por outro, deveria responder a

demanda de preparação de pessoal para o magistério, promovendo a formação profissional dos futuros professores. Essa dupla tarefa formativa era reforçada pela estrutura e organização dos cursos, o modelo “3 + 1”, e pela concepção de formação de professores que mais operava no período, que afirmava a necessidade de conhecer os conteúdos específicos da área antes de lidar com questões educacionais e de ensino relacionadas a esses conteúdos. Na cadeira *Didática Especial de Matemática*, percebemos no programa no programa indícios que reforçam tal concepção de formação.

Além disso, a pesquisa sobre a disciplina *Didática Especial de Matemática* evidenciou como a construção e a promoção de um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores na primeira metade do século XX exigiu de seu tempo a emergência de uma posição subjetiva e institucional que reivindicasse um saber sobre o “ensinar a ensinar matemática”; o que, no limite, permite entendimentos sobre as dinâmicas de constituição e consolidação da Educação Matemática no espaço científico-acadêmico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais: 1939-1953. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Belo Horizonte: Gráfica Santa Maria, 1954. 491 p.

FARIA FILHO, L. M.; SOUZA, J. V. A.; FONSECA, N. M. L. (Orgs.). **Formação docente na UFMG: história e memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

FERNANDES, F. S.; MORAIS, R. S. Os intelectuais, o poder e a Educação Matemática: sedimentos em monumentos de pedra de nós mesmos. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 10, n. 22, p. 244-263. 2017.

FERREIRA, A. C. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais e a primeira Licenciatura em Matemática do estado. In: FERREIRA, A. C.; BRITO, A. J.; MIORIM, M. A. **Histórias de formação de professores que ensinaram matemática no Brasil**. Campinas: Ílion, 2012.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Tradução de R. C. M. Machado e E. J. Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de R. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, M. L. M. Os 80 anos do primeiro curso de Matemática brasileiro: sentidos possíveis de uma comemoração acerca da formação de professores no Brasil. **Bolema**, v. 30, n. 55, p. 424 - 438, ago. 2016.

HADDAD, M. L. A. **Faculdade de Filosofia de Minas Gerais**: sementes do espírito universitário. Belo Horizonte: Phorum Consultoria, 2015.

MELO, C. M. M.; ARAÚJO, T. S. A formação de professores na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG (1939-1948). In: FARIA FILHO, L. M.; SOUZA, J. V. A.; FONSECA, N. M. L. (Orgs.). **Formação docente na UFMG**: história e memória. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016. p. 33-62.

MOREIRA, P. C. 3+1 e suas (In)Variantes (Reflexões sobre as possibilidades de uma nova estrutura curricular na Licenciatura em Matemática). **Bolema**, v. 26, n. 44, p. 1137-1150, dez. 2012.